SEVEN publicações acadêmicas

INOVAÇÃO E TRADIÇÃO: O ENSINO NO CNF/FGV E A PEDAGOGIA HERBARTIANA "REENCARNADA"

https://doi.org/10.56238/sevened2025.001-034

Pablo Silva Machado Bispo dos Santos
E-mail: psmbsantos@gmail.com

Adílio Jorge Marques
Professor Doutor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
Departamento de Tecnologias e Linguagens (DTL) do Instituto Multidisciplinar (IM)
Campus Nova Iguaçu
E-mail: adiliojm@yahoo.com.br

RESUMO
Este estudo analisa a experiência educacional do Colégio Nova Friburgo (CNF) da Fundação Getúlio Vargas, examinando a relação entre o Método de Unidades Didáticas e a Pedagogia Herbartiana. A pesquisa se baseia em obras de Irene Mello Carvalho (1969, 1988) que documentam a história do CNF. A análise crítica revela que, apesar de ser apresentado como inovador, o método retoma princípios da Pedagogia Herbartiana, como os "passos da instrução formal". O estudo destaca a complexa relação entre inovação e tradição no contexto educacional do CNF, demonstrando a influência persistente de modelos pedagógicos tradicionais.

Palavras-chave: Colégio Nova Friburgo. Unidades Didáticas. Pedagogia Herbartiana.

1 INTRODUÇÃO

Com vistas a orientar o leitor no "mergulho na memória institucional do CNF" que será realizado ao longo deste trabalho, faz-se necessário compor uma apresentação do CNF, e assim tornar visível a experiência educacional desta instituição educacional, especialmente quantos às relações entre o Método de Unidades Didáticas e os "passos da instrução formal", elemento central da perspectiva pedagógica desenvolvida por Herbart.

Como bases primordiais desta análise, escolho duas fontes impressas que considero de grande importância no sentido de tornar possível no momento presente, ter acesso à memória institucional do CNF. Trata-se de dois livros, editados pela FGV, cuja autoria é de Irene Mello Carvalho e que (segundo a autora) tiveram como objetivo principal tornar registrada a experiência educacional do Colégio Nova Friburgo. Torna-se claro, no entanto, que estes livros não serão aceitos de modo acrítico, ou seja, entendo que na mesma medida em que estas obras oferecem um manancial de informações a respeito do CNF que não poderia ser desprezado num estudo tal como o que desenvolvemos, ainda assim, há que se ter em conta o fato de que estes livros representam (dentre outras coisas) a posição estratégica (Cf. CERTEAU, 1994) de atores que a partir destes impressos buscavam apresentar uma versão oficial a respeito da história do CNF e da memória contida nos registros apresentados nos referidos livros. Assim, cabe esclarecer que procuro empregar procedimentos de análise que tem por objetivo minimizar as influências da intencionalidade destes atores institucionais e, desta maneira, apreender de uma forma menos "ideológica" o significado da experiência educacional desenvolvida no Colégio Nova Friburgo.

2 O "MÉTODO DE UNIDADES DIDÁTICAS" E A PEDAGOGIA DO CNF: A DISCIPLINA E A INSTRUÇÃO

Neste trabalho destacamos os elementos referentes aos aspectos pedagógicos do Colégio, quais sejam: a) as questões disciplinares da organização discente do CNF; b) a proposta de ensino do CNF. Assim, neste tópico serão apresentados e discutidos os aspectos alusivos à aplicação do "Método de Unidades Didáticas" (CARVALHO, 1969) no âmbito do CNF. Isto se mostrou fundamentalmente necessário ao travar contato como livro de Irene Mello Carvalho alusivo a tal método, no qual a ex-diretora do CNF e ex-diretora da Divisão de Ensino da FGV indica que este constituiu a base primordial para a estruturação dos programas de ensino, da estruturação curricular e das normas de convivência entre os alunos do CNF. Decorre daí a premissa de que, para uma análise consistente do que representou a experiência educacional desenvolvida no Colégio da FGV torna-se necessário compreender de que maneira o referido método foi aplicado às dimensões pedagógicas e disciplinares do CNF.

As unidades didáticas são planejadas de forma a promover uma visão global dos temas estudados, pois a teoria gestáltica, com seus conceitos como figura-fundo, proximidade e boa forma, inspira a organização desse processo. Assim, o estudante é levado a compreender as conexões entre as ideias e a enxergar o sentido do que está aprendendo, sendo que cada unidade didática começa com um diagnóstico inicial. Nessa etapa, o professor busca conhecer os conhecimentos prévios dos alunos e entender suas necessidades. Esse passo é fundamental para criar um plano de ensino que realmente dialogue com a realidade da turma. A partir daí, os objetivos são traçados, mas de forma que contemplem não apenas o aprendizado de conteúdos, mas também o desenvolvimento emocional e social dos alunos.

As atividades propostas durante o processo são sempre dinâmicas, criativas e participativas. Elas podem incluir discussões em grupo, práticas experimentais e reflexões individuais, sempre incentivando o aluno a se envolver e a pensar criticamente. O foco não está apenas no resultado final, mas no caminho percorrido, e é por isso que a avaliação nesse método é contínua. O objetivo é permitir que tanto o professor quanto o aluno reflitam sobre o progresso e façam ajustes quando necessário.

3 A DISCIPLINA EM SUA RELAÇÃO COM A PEDAGOGIA DO CNF: A PSICOLOGIA GESTALTISTA EM FOCO

Para que se torne possível compreender como o Método de Unidades Didáticas foi aplicado à dimensão disciplinar do CNF, devem ser analisados os aspectos teóricos alusivos a este método. Tomando em conta a assertiva de Irene Mello Carvalho destacada acima, torna-se necessário compreender que o Método de Unidades Didáticas encontra dois grandes pilares de sustentação teóricos embasados na Filosofia e na Psicologia. Segundo CARVALHO (1969), a parte filosófica do método se apoiaria nos passos da instrução formal de Herbart e se ligaria aos aspectos mais propriamente instrucionais dos objetivos do ensino. Já a parte do método apoiada no seu "pilar psicológico" daria conta de uma perspectiva: "gestaltista e não atomista (CARVALHO, 1969; p. 23)". Tal perspectiva psicológica, ao que tudo indica, teria dado ensejo à criação de normas disciplinares baseadas na valorização do convívio grupal e na construção de regras de disciplina e autogoverno, essencialmente se forem lembrados os pressupostos da psicologia gestaltista, os quais propõem uma ênfase no trabalho em grupo, bem como na tentativa de solucionar em grupo os problemas internos do indivíduo (BYINGTON, 1999). De acordo com CARVALHO (1988), esta perspectiva psicológica viria a influenciar no conceito de disciplina que norteava as atividades, do CNF, o qual: baseia-se, essencialmente, em interesse real pelo educando, em compreensão dos seus pontos de vista e empatia face a suas reações afetivas, e em respeito a sua individualidade (CARVALHO, 1988; p. 143).

A psicologia gestaltista viria ainda, segundo a referida autora a servir de referência para a criação de normas disciplinares, baseadas no "convívio harmônico" entre os pares de alunos, e entre alunos, professores e funcionários e para a estruturação de regras de disciplina baseadas na resolução em grupo dos problemas, bem como na premissa de que a unidade grupal seria um dos principais objetivos a serem atingidos pelas normas disciplinares presentes na proposta pedagógica do CNF (Cf. CARVALHO, 1969).

O método de unidades didáticas, quando aplicado sob a perspectiva da educação gestaltista, é uma abordagem que coloca o aluno no centro do processo de aprendizagem. Como podemos perceber, ele se baseia em princípios fundamentais da Gestalt, como a percepção do todo antes das partes e a conexão entre os elementos, para criar experiências educativas mais completas e significativas. A ideia é simples: ensinar de forma que o estudante não apenas memorize, mas entenda, sinta e relacione os conhecimentos com sua própria vida. Isso significa que o conteúdo não é isolado, mas apresentado dentro de um contexto maior, que faz sentido e desperta o interesse. O aluno, nesse método, não é um receptor passivo, mas um participante ativo na construção do seu aprendizado.

Não obstante estes imperativos de autogoverno e convívio grupal harmonioso há que se questionar quais seriam os limites do caráter "flexível" destas normas disciplinares, pois, ainda que apareçam nos livros analisados menções ao caráter flexível das normas disciplinares do CNF, ainda assim: "Os próprios professores orientavam a conduta dos alunos desde a hora em que eles acordavam até o momento em que iam dormir (CARVALHO, 1988; p. 143)". Dessa forma, é possível captar uma contradição entre os imperativos de autogoverno propostos na pedagogia do CNF e a "orientação da conduta" realizada em tempo integral pelos próprios professores do CNF.

A análise destas fontes serve como indicativo de que, por maiores que sejam os esforços empreendidos com a finalidade de dar à história um sentido único, ainda assim, sempre há elementos que demonstram que não há a possibilidade de se postular a existência de uma "narrativa única" no que se refere a qualquer evento histórico (BRAUDEL, 1999), a despeito dos esforços empreendidos por parte dos construtores da memória do referido acontecimento histórico em representar a "versão verdadeira dos fatos". Assim, tal como visto, o CNF teria realmente desenvolvido estratégias disciplinares e pedagógicas no sentido de buscar promover a coesão grupal dos seus alunos e a integração de seus professores em torno de projetos comuns. Tais iniciativas incidiram fortemente sobre o desenvolvimento de projetos extracurriculares, cuja organização e administração estariam franqueadas aos alunos, sendo, porém estes supervisionados por professores do CNF no desenvolvimento destas atividades. Segundo CARVALHO, tais atividades se denominavam: "(...) atividades extraclasse ou extracurriculares. Em um internato, estas atividades são muito importantes para proporcionar uma gama extensa de experiências educativas e preencher construtivamente as

horas de lazer. Hoje, prefere-se a denominação de atividades co-curriculares, porque podem ser efetuadas em classe ou fora dela, e quase sempre se articulam de uma ou de outra forma com o currículo escolar (CARVALHO, 1988; p. 121)". Como exemplo destas, podem ser mencionadas: a Banda do CNF, o conjunto musical dos alunos (Banda Papoula), O Clube de Xadrez, o Clube Literário e o Clube de Teatro (CARVALHO, 1988).O que deve ser ressaltado, porém é que este processo não teria ocorrido de maneira totalmente consensual e que, como todo projeto, institucional, ou não, acaba por se constituir em campo de conflitos e tentativa de imposição de interesses particulares e que se pretendem hegemônicos (Cf. CERTEAU, 1994), o que motiva a inferir que tais regras também poderiam ter sofrido questionamentos, e transgressões por parte de seus alunos e/ou professores, pois nenhum dos documentos analisados menciona problemas desta ordem, o que leva à hipótese de que estes teriam sido suprimidos dos registros da memória da instituição, dificultando desta maneira a tarefa de empreender a composição de uma história das transgressões disciplinares levadas a cabo pelos alunos do CNF, a qual, mesmo não sendo o objeto do presente estudo, poderia ser interessante no sentido de possibilitar "fazer falar" de outro modo a materialidade desta instituição escolar (Cf. LE GOFF, 1985).

4 O CNF E O ENSINO POR UNIDADES DIDÁTICAS: RETOMANDO OS PASSOS DA INSTRUÇÃO FORMAL DE HERBART

Tal como foi mencionado anteriormente, a pedagogia desenvolvida no CNF utilizava como "pedra fundamental" o "Método de Unidades Didáticas", criado e desenvolvido no âmbito deste Colégio. Igualmente foi ressaltado o fato de que tal método possuía um duplo suporte, calcado na filosofia e na psicologia. Se em relação aos aspectos disciplinares da pedagogia do CNF, a sua base era a psicologia gestaltista, em relação aos elementos do ensino desenvolvidos no CNF, seu referencial teórico remonta à noção de unidades, difundida por Henri Morrison, em 1926, e cuja filiação teórica aos passos da instrução formal de Herbart se mostra bastante estreita. Antes de ser aprofundado o modo como esta teoria veio a estruturar os programas de ensino e a organização curricular do CNF, torna-se necessário trazer à baila os seus principais postulados, bem como explicitar em que aspectos tal teoria se aproxima dos passos da instrução formal de Herbart.

Com vistas a compreender o "Método de Unidades Didáticas" desenvolvido e aplicado no CNF, faz-se necessário compreender as características fundamentais da noção de unidades, cunhada por Henri Morrison em 1926, segundo o qual: "um aspecto complexo e significativo do meio, de uma ciência organizada, de uma arte ou da conduta, o qual, uma vez aprendido resulta em uma adaptação da personalidade (MORRISON, apud CARVALHO, 1969; p. 22)".

Este "aspecto complexo e significativo" deveria ser:

> suficientemente amplo para ser importante e possuir suficiente homogeneidade para constituir um todo orgânico (...) teria ainda uma classificação pautada numa distinção primordial entre três tipos de unidades: a) unidade-matéria: um tópico, uma generalização; b) unidade-experiência: um centro de interesse, um propósito, uma necessidade do aluno; c) unidade-mista (unidade didática): uma atividade de descoberta e verificação normativa e crítica (Morrison, apud CARVALHO, 1969; p. 24).

De acordo com ainda com esta autora, a unidade didática seria a matriz da organização pedagógica, em especial no que tange aos programas de ensino e à estruturação curricular do CNF. A esse respeito, a autora indica que: "(…) No que se refere à articulação entre as unidades didáticas, realizada com o objetivo de compor uma grade curricular e/ou um plano de curso de uma disciplina, é interessante observar o modo como a "unidade-didática" vem a se configurar como elemento regulador das relações entre ensino-aprendizagem, pois os objetivos do ensino no que se refere à sua dimensão comportamental partem desta noção, e seguem um plano composto das seguintes etapas: "exploração, apresentação, assimilação, organização, recitação (Morrison, apud CARVALHO, 1969; p. 67)". Antes de prosseguir no exame de cada uma destas etapas, cabe identificar em que esta proposta pedagógica se aproxima da teoria dos passos da instrução formal de Herbart. Para tanto, apresento um quadro comparativo entre estas duas vertentes teóricas (ver em anexo).

Ao se examinar o quadro mencionado acima, a respeito do ensino por unidades didáticas, é possível perceber que as fases do Plano Morrison foram dispostas de maneira análoga aos passos da instrução formal de Herbart[1] (Cf. SUCHODWLSKKY, 1973). Antes de seguir em direção à análise do modo como o Plano Morrison foi apropriado e utilizado no CNF, cabe detalhar em que consiste cada uma de suas fases. Para a autora, as fases do Plano Morrison correspondem às seguintes atividades didáticas: *a) Exploração*: etapa em que o professor deve reunir os elementos relativos ao tema que irá tratar, com vistas à elaboração das atividades de ensino; *b) Apresentação*: exposição sucinta do conteúdo pelo professor; *c) Assimilação:* proposição de exercícios de fixação, com vistas a fazer com que o aluno assimile os pontos fundamentais de cada unidade didática; *d) Organização*: nesta etapa, o aluno deve realizar atividades alusivas ao tema sem o auxílio do professor; *e) Recitação:* na etapa final o aluno deve realizar uma exposição oral a respeito do assunto trabalhado, cabendo então a avaliação final da aprendizagem através da avaliação do desempenho do aluno nesta atividade. A partir destas etapas, concernentes ao Plano Morrison, o CNF teria desenvolvido um método de

[1] Os passos da instrução formal de Herbart são os seguintes: a) Primeiro passo - *etapa da clareza*: nesta etapa o aluno deve simplesmente observar o objeto e/ou elemento de ensino que deve aprender. b) Segundo passo -*etapa da associação ou comparação:* nesta etapa o aluno deve ser levado a comparar (ou associar) as impressões que teve da atividade de observação realizada com suas próprias opiniões e/ou outros temas de ensino similares;.c) Terceiro passo - *etapa da sistematização ou da generalização*: a partir da primeira comparação realizada o aluno deverá aplicar o esquema de inferência desenvolvido no segundo passo a vários elementos relacionados, efetuando assim um exercício de generalização. d) Quarto Passo - *etapa do método ou da aplicação:* nesta etapa o aluno deverá desenvolver esquemas associativos que lhe permitam não somente generalizar os resultados obtidos no terceiro passo, como também expor tais resultados de modo organizado e inteligível para os demais de sua classe e para o professor (Cf. CAMBI, 2001).

ensino próprio, o método do Ensino por Unidades Didáticas. No segundo quadro que segue em anexo são apresentados os passos do Plano Morrison e do Plano do CNF.

Em relação às diferenças entre o Plano Morrison e o Plano do CNF, deve ser mencionado que, a despeito da grande influência das ideias de Henri Morrison na composição do Plano CNF, ainda assim, o planejamento de ensino no *Colégio* possuía mais algumas etapas (as de suplementação e verificação), as quais propunham atividades de ensino a elas relacionadas. Assim, na etapa da "suplementação", por exemplo, estariam previstas atividades nas quais o aluno pudesse com o auxílio do professor, repetir as etapas de "apresentação geral" e "estudo/assimilação das subunidades", para que, a partir daí pudesse novamente se submeter à etapa de "verificação" (realizada com o acompanhamento do professor no momento da elaboração do exercício pelo (s) aluno(s)) e, por fim (caso se houvesse verificado a aprendizagem do(s) aluno(s)), passar à etapa final, a de "expressão", (relativa à verificação da aprendizagem por meio de exercícios escritos). O Plano do CNF seria, portanto, a dimensão experimental da didática desenvolvida neste Colégio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi observado ao longo deste trabalho, a Direção do CNF apresentou como carro-chefe de sua pedagogia o Método de Unidades Didáticas. Tal método de ensino seria pautado em uma perspectiva experimental e inovadora, segundo o entendimento da Prof Irene Mello Carvalho, porém no decorrer deste breve estudo foi possível perceber que tal método acabava por retomar (e de forma bastante substancial) os passos da instrução formal de Herbart. A esse respeito, é interessante verificar o que comenta Anísio Teixeira, no prefácio do livro O Ensino por Unidades Didáticas, de autoria da então diretora do CNF, Irene Mello Carvalho:

> Nas alturas de 1954, não deixa de ser provocante acompanhar as torturas de Morrison para apresentar seu pensamento conservador como científico. Tanto o compreendo como resultado da limitação real dos nossos conhecimentos pedagógicos, sobretudo no que diz respeito a técnicas e processos de ensino quanto me parece inadequado querer considerá-lo como algo melhor do que o velho Herbart, que levava sobre ele a vantagem de haver doutrinado em período bem anterior, quando muito menos sabíamos de psicologia, de filosofia, de antropologia, de sociologia e das ciências humanas que fundamentam a educação (...)De qualquer modo, porém, num país em que pouco se soube de Herbart e em que ensinar não passou ainda da situação de memorizar para exame fragmentos desconexos de conhecimentos, experimentar os recursos recomendados por Morrison para ensinar as matérias do curso secundário com ênfase em unidade, organização do conhecimento e integração, é novidade tão grande que me custa acreditar como Dona Irene Mello Carvalho pôde levá-la a efeito numa escola secundária rígida, uniforme e legalística como a brasileira (CARVALHO, 1988, p. 116-117).

Ao que tudo indica, Anísio Teixeira via o método de Morrison como excessivamente técnico e baseado na eficiência, tratando a educação quase como uma ciência exata. Esse foco, para ele, desconsiderava a complexidade da aprendizagem humana, que envolve não apenas aspectos

cognitivos, mas também emocionais, sociais e culturais. O comentário do intelectual brasileiro ilustra de maneira magistral a noção de que o Ensino Por Unidades Didáticas, contido no Plano Morrison e no Plano CNF, consistiu muito mais em uma retomada da Pedagogia de Herbart e dos passos da instrução formal, do que em uma experiência de caráter experimental e inovador, tal como apregoado pela Profª Irene Mello Carvalho quando esteve à frente da Direção do CNF. Cabe destacar ainda, que, não obstante em meados do século XX, se assistir no âmbito do CNF uma retomada da Pedagogia de Herbart, não pretendo com isso indicar que tal experiência educacional seria inválida, mas sim com uma orientação pedagógica diferente (tradicional, e não inovadora) da que lhe é atribuída pela Direção do CNF.

As abordagens de Morrison e Herbart refletem o desejo de sistematizar o ensino, desconsiderando a complexidade humana e as múltiplas dimensões do aprendizado, o que parece ter se repetido no caso aqui estudado. Essas limitações nos lembram que a educação é mais do que um processo técnico: é uma relação viva, que necessita ser flexível, sensível e centrada no desenvolvimento integral do aluno. Parece-nos claro que, ao contrário da proposta inicial, acabou por ocorrer o oposto na prática, já que o método de unidades didáticas é uma forma de resgatar o verdadeiro sentido de ensinar e aprender, inovando e propondo novas condições para os aspectos cognitivos discentes.

O que nos lembra de que educação não é apenas transmitir informações, mas construir significados, além de ajudar cada aluno a enxergar o mundo de forma mais ampla, conectada e humana.

REFERÊNCIAS

BRAUDEL, F. Uma lição de história de Fernand Braudel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

BYINGTON, C. A. Pedagogia simbólica. São Paulo: Cortez, 1999.

CAMBI, F. As pedagogias de Hegel e Herbart. In: _____. História da pedagogia. São Paulo: UNESP, 2001. p. 245-278.

CARVALHO, I. M. O ensino por unidades didáticas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1969.

CARVALHO, I. M. Colégio Nova Friburgo da Fundação Getúlio Vargas: Histórico de suas realizações. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1988.

CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1994.

LE GOFF, J. História. In: Enciclopédia Einaudi. v. 1, Memória-História. Lisboa: Inova/Artes Gráficas, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985. p. 158-178.

SUCHODOLSKI, B. Tratado de pedagogia. Lisboa: Península, 1973.

ANEXOS

Quadro comparativo "a": Passos da Instrução formal de Herbart / Plano Morrison

Passos da Instrução Formal (Herbart)	Plano Morrison
1 – Clareza **2 – Associação** **3 – Sistematização** **4 - Método**	**1 – Exploração** **2– Apresentação** **3– Assimilação** **4– Organização** **5 – Recitação (exposição oral realizada pelo aluno)**

Quadro Comparativo "b": Plano Morrison / Ensino por Unidades Didáticas (Plano do CNF)

Etapas do Plano Morrison	Etapas do Plano do CNF
1 – Exploração **2– Apresentação** **3– Assimilação** **4– Organização** **5– Recitação (exposição oral realizada pelo aluno)**	**1 – Sondagem** **2 – Apresentação Geral** **3 – Estudo ou Assimilação das subunidades** **4 – Organização** **5 – Verificação** **6– Suplementação** **7 -Expressão (poderia ser realizada por atividades escritas ou orais)**